

O PESSIMISMO E TRAGICIDADE EM AUGUSTO DOS ANJOS A PARTIR DA HISTÓRIA DA LEITURA

Sandy Aparecida Pereira dos Santos*

Hélio Sochodolak**

RESUMO: Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (Paraíba, 1884 - Minas Gerais, 1914) foi um escritor brasileiro, que morreu aos 30 anos de idade, mais conhecido por escrever poesias, também foi autor de crônicas. Suas poesias foram um tanto rejeitadas na época, por não corresponderem fielmente aos modelos literários vigentes, como também por tratarem de temas que a literatura brasileira dava pouco espaço. Abordando uma visão trágica da vida, Augusto dos Anjos nos motiva a indagá-lo quanto às suas leituras e absorção de ideias, sobretudo em relação à filosofia trágica. Nesta pesquisa, aprofundamo-nos no universo cultural augustiniano buscando, na estimativa de sua leitura, explicitar aspectos da obra e vida do autor, reconhecendo, ao menos em parte, as referências e influências literárias em sua obra, a partir da história da leitura, utilizando basicamente seus escritos, que nos dão vestígios dessas relações. Por meio disso, analisamos seus escritos sobre uma perspectiva pessimista e trágica, não delimitando seus pensamentos, suas práticas literárias e ideias, mas relacionando estas com as filosofias de Schopenhauer e Nietzsche, por conta de suas filosofias acerca do trágico. Parecem ser influências que conseguimos observar, sobretudo, ao ler as poesias de Augusto dos Anjos.

PALAVRAS-CHAVE: História e literatura; Leitura; Tragicidade; Schopenhauer; Nietzsche.

PESSIMISM AND TRAGEDY IN THE WORKS OF AUGUSTO DOS ANJOS THROUGH A HISTORY OF READING

ABSTRACT: Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (Paraíba, 1884 - Minas Gerais, 1914) was a Brazilian writer who died at the age of thirty. He is known for his poetry rather than his essays. His poems were shunned during his lifetime since they did not comply with current literary models and since they dealt with themes outlandish to Brazilian literature. Augusto dos Anjos's tragic vision of life is the

* Graduada em História, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Brasil.

** Doutorado em História Social pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, SP, Brasil.

substratum of his reading and the absorption of his ideas, especially with regard to the philosophy of Tragedy. Current research analyzes Augustus dos Anjos's cultural world in the appreciation of his reading, makes explicit the author's life and works, partially acknowledging literary references and influences in his works through the history of reading. His writing will foreground the above relationships. His writings will be analyzed from the pessimistic and tragic perspective. His thoughts, literary practices and ideas will not be restricted, but related to the philosophy exposed by Schopenhauer and Nietzsche, with regard to their philosophy on the tragic. In fact, they are influences mainly detected when his poems are read.

KEY WORDS: History and literature; Reading; The tragic; Schopenhauer; Nietzsche.

INTRODUÇÃO

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (1884-1914) foi um poeta brasileiro nascido na Paraíba. Formou-se em Direito pela Faculdade do Recife, porém, voltando à Paraíba, começou a exercer a docência. A partir de 1910, passou a viver no Rio de Janeiro, mudando diversas vezes de endereço. Por fim, mudou-se para Leopoldina, cidade de Minas Gerais, em 1914, após ser nomeado diretor do Grupo Escolar de Leopoldina, vivendo lá até seus 30 anos, momento em que morreu de pneumonia. Suas poesias foram rejeitadas pela sociedade da época pela carga pessimista que carregava, por uma visão trágica, demonstrando a morte como um fardo para a civilização humana, explicitando a deterioração do corpo, e, sobretudo, não seguia à risca os modelos literários propostos para a época. Contudo, obviamente, não foi alvo apenas de críticas negativas, apesar de que estas tenham acontecido em maior grau sobre seu único livro, o *Eu*, lançado em 1912. Hermes Fontes³, por exemplo, em sua crônica literária, publicada a 16 de julho de 1912 no Diário de Notícias, elucidando o *Eu*, descreve Augusto como portador de “[...] um talento formidável, de uma cultura polimórfica e, sobretudo, de uma grande honestidade literária, de fazer coisa própria, coisa sua, pessoal, individualista” (FONTES, 1912, p. 49).

Realmente a obra augustiniana está carregada da subjetividade do autor,

³ Hermes Fontes (1888-1930) foi um escritor e compositor brasileiro, escrevendo poesias de estética simbolista. http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/sergipe/hermes_fontes.html

entretanto, sendo também uma produção histórica, e está diretamente ligada a seu tempo e espaço, ou seja, além de ser a produção de um homem, é, sobretudo, a produção desse homem em seu meio e, muito próprio dos escritos de Augusto, a sua relação com o seu meio a partir de seu ponto de vista, que não é, de forma alguma, neutro, pois é a partir de impressões, reflexões e intervenções com o mundo a seu redor que o *Eu* se materializa.

Abrangendo grande parte de sua obra, versos, e prosa, publicadas, em sua maior parte, nos periódicos paraibanos, e também as cartas, podemos notar as influências que o cercavam. Elas eram de teor literário, quanto à forma das poesias, por exemplo, mas também se vinculava à filosofia, como a tantas outras disciplinas. As ideias estavam entrelaçadas não só nas palavras escritas ou faladas, momento em que se encontram fracas, mas, acima de tudo, nasce no íntimo humano, pertencendo a ele, fazendo parte dele, não podendo pertencer por completo a outro por conta de toda a sua complexidade, como podemos ver nos versos de A Idéia:

“De onde ela vem? De que matéria bruta/ Vem essa luz que
sobre as nebulosas/ Cai de incógnitas criptas misteriosas/
Como as estalactites duma gruta?!/ Vem da psicogenética e alta
luta/ Do feixe de moléculas nervosas,/ Que, em desintegrações
maravilhosas,/ Delibera, e depois, quer e executa!/ Vem do
encéfalo absconso que a constringe,/ Chega em seguida às
cordas do laringe,/ Tísica, tênue, mínima, raquítica.../ Quebra
a força centrípeta que a amarra, / Mas, de repente, e quase
morta, esbarra/ No mulambo da língua parálitica!” (ANJOS,
2015, p. 17).

Com isso, a ideia sofre mudanças ao ser transmitida e absorvida.

Partindo do pressuposto de que as ideias, ou como nesse caso, os escritos são impressões próprias condicionadas por influências externas, como explicita Márcia Abreu (1999, p. 15), “a leitura não é prática neutra. Ela é campo de disputa, é espaço de poder” de tal forma que as diversas referências que encontramos em Augusto dos Anjos são frutos de absorções e debates dessas leituras, de forma a moldar sua visão de mundo. Com isso, utilizando-se da história da leitura, procuramos interpretar a relação que o autor teve com a filosofia do trágico a partir

da leitura, partindo da proposta de Maria Beatriz Nizza da Silva (1999, p. 156), de que “[...] livro citado por um autor é livro lido”, analisaremos a obra augustiniana, mais precisamente seus versos, para relacionar o escrito ao lido, traçando então, uma relação de experiências de leituras, nas quais podemos elucidar a trajetória feita por Nietzsche⁴ ao ler Schopenhauer⁵, o qual se tornou um guia para uma visão de mundo⁶, desse modo, encontramos uma dessas relações com Augusto de maneira que a leitura de obras desses autores, talvez não diretamente e dedicada como no exemplo supracitado, mas de qualquer forma, houve uma modelagem de uma visão de mundo que foi transposta pela escrita.

Entretanto, a abordagem relacionada à tragicidade, por mais que tratemos de poesia, segue distinta do estudo de uma poética da tragédia sob perspectiva aristotélica, focando na filosofia trágica, ou seja, na “situação do homem no mundo, a essência da condição humana, a dimensão fundamental da existência” (MACHADO, 2006 *apud* SOCHODOLAK; ANTUNES, 2010, p. 21), tendo como pressuposto o contato de Augusto com essa filosofia, a partir da leitura.

Além do mais, houve uma classificação de poemas que nos permitem melhor visualização do que pretendemos estudar, já que, apesar dessa temática ser presente em Augusto dos Anjos, ela escapa à generalização dos versos, pois podemos dizer que existiu um amadurecimento da prática literária, ou aguçamento do gosto literário, deduzindo que uma leitura leva a outra, formando uma teia de referências, em que o autor começa a procurar títulos de seus interesses. Assim, faz-se necessário um recorte dentro do nosso recorte temático-temporal.

⁴ Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) foi um filósofo nascido na Saxônia, autor de *O nascimento da tragédia* (1872), entre outros. Disponível em: https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=629227

⁵ Arthur Schopenhauer (1788-1860) foi um filósofo nascido na Prússia, escritor de *O mundo como vontade e representação* (1819), entre outros. Disponível em: https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=706094

⁶ A leitura que Nietzsche fez de Schopenhauer, de início com total concordância, o levou a tornar este teu “tutor”. Mais a frente, ele rompe com essas ideias, mas não de forma a negá-las completamente, mas de superá-las.

2 HISTÓRIA DA LEITURA

Abordando a perspectiva da história da leitura, sobretudo da prática leitora, nossa pesquisa buscou tecer uma rede de relações que reconstituísse, ao menos em parte, algumas referências literárias que levaram Augusto dos Anjos a escrever o *Eu*, pois tendo a preposição de que nunca uma leitura é neutra, chama-nos a atenção a dimensão do autor como leitor.

Ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça de outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. Essa atitude, no entanto, implica a possibilidade de distanciar-se do fato, para ter dele uma visão de cima, evidenciado de um aumento do poder sobre o mundo é sobre si por meio desse esforço teórico. Ao mesmo tempo, implica o sentimento de pertencer a uma comunidade de preocupações que, mais que um destinatário, nos faz interlocutor daquilo que o autor produziu. Isso vale para todos os tipos de textos, seja um manual de instruções, seja um romance, um texto teórico ou um poema. (FOUCAMBERT, 1994, p. 30).

Com isso, o ponto de partida tomado foi o da biografia. As biografias utilizadas aqui foram *Poesia e Vida de Augusto dos Anjos*, escrita por Raimundo Magalhães Júnior (1978), e *O Outro Eu*, de Augusto dos Anjos, escrita em 1967, tendo como autor Ademar Vidal. Nessas, o nosso foco caiu sobre as relações de cotidiano, nas quais não obtivemos muito sucesso. Além do mais, as cartas também aqui utilizadas não nos levaram a muito longe, pois julgamos que, pelo costume exercido nesse espaço e tempo em que o autor se inseria, elas se mostram um tanto “fechadas”, principalmente fora da época de estudo de Augusto no Recife que, apesar de ainda não nos revelar tanto, foi o período de maior descrição do cotidiano encontrado nas cartas.

Fora isso, uma das únicas evidências que nos apontam o autor como um leitor ávido, é a qual Ademar Vidar (1967), em seu livro sobre Augusto, nos apresenta a partir de uma conversa com dona Mocinha, mãe do poeta, na qual diz que este o autor “Lia às escondidas. Chegou a arrancar até páginas de livros para melhor escapar

à fiscalização paterna. Isolava-se, ficando todo entregue, instantes esquecidos, ao embevecimento da leitura.”. Além disso, mostrava “[...] suas simpatias por pelos pensadores e romancistas, Mitologia, os filósofos, todos quantos se dedicavam às indagações espirituais” (VIDAL, 1967, p. 30).

Portanto, nossa maior forma de visualização dessa rede de leituras se dá efetivamente pelas análises de poemas e algumas prosas, onde encontramos citações de autores romancistas e pensadores, e até mesmo dedicatórias dos quais podemos ter certa noção de que fontes Augusto se referencia. No entanto, elas não nos dão títulos, textos e nem teorias específicas, apenas sugestões, um exemplo entre tantos se dá em *Agonia de um Filósofo*: “[...]/ Rasgo dos mundos o velário espesso;/ E em tudo, igual a Goethe, reconheço/ O império da substância universal!”⁷ (ANJOS, 2015, p. 15).

E, abordando a expressão “livro citado é livro lido”, ou nesse caso, autor citado, buscamos também algumas fontes que nos indicassem edições de livros publicados no Brasil⁸. Em relação a Goethe, temos o que

[...] aparenta ser a primeira tradução brasileira publicada entre nós: vem, porém, apresentada como “uma imitação de Goethe”, como diz seu autor, ou uma tradução em paráfrase, como dizem alguns comentadores. Trata-se de *fausto e margarida, poema dramático em XII quadros da tragédia de Goethe*, por Múcio Teixeira. Porto Alegre, 1877. Teve grande sucesso e várias reedições no prazo de poucos anos (BOTTMANN, 2015a).

Apesar de que consideramos apenas edições brasileiras, temos que ter claramente em mente que Augusto dos Anjos, como deixa claro em *Resposta a Um Apreciação Despretensiosa de “Outro Professor”*⁹, tem conhecimento sobre o latim, francês, italiano e inglês, além de, obviamente, o português. Com isso, começamos a nos debruçar em questionamentos que nos remetem à circulação do

⁷ Aqui observamos uma referência ao autor alemão, Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), cujo um dos escritos mais famosos é Fausto (1808). Disponível em: https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=..livros/layout_autor.asp&AutorID=729152

⁸ Nos baseamos no blog de Denise Bottmann, *Não Gosto de Plágio*, além de outros artigos da mesma autora, que faz um panorama sobre algumas das edições que surgiram no Brasil.

⁹ Prosa publicada em 08 de dezembro de 1905, n'O Comércio.

livro e do periódico, sobretudo sem nenhuma informação de que Augusto teria, em algum momento, viajado pelo exterior.

Mas, por enquanto, é interessante observar também edições de alguns autores que nos são essenciais para abordar essa temática. Um deles é Schopenhauer, que “[...] chega ao Brasil em 1887, com *Pensamentos e fragmentos: Metaphysica do amor. Esboço sobre as mulheres*, pela Laemmert, em tradução de Manuel Coelho da Rocha. [Rio de Janeiro: Laemmert, 1887. 72 p.]”, muito provavelmente tendo “[...] como texto de base a tradução francesa de Jean Bourdeau, *Pensées et fragments* (1880)” (BOTTMANN, 2015b, p. 1). E para além dele, Nietzsche, que “[...] estreou sua chegada em livro entre nós em 1936, quando as edições e publicações Brasil lançam *Ecce Homo, como cheguei a ser o que sou*, como quinto volume de sua “biblioteca de autores célebres”, na tradução de Lourival de Queiroz Henkel e prefácio de Afonso Bertagnoli” (BOTTMANN, 2011). Contudo, avaliando esses dados, as leituras feitas por Augusto, como já citado anteriormente, podem ser de edições de outros países e idiomas diferentes, como o francês ou o inglês, no caso de Nietzsche, levando em consideração que este não foi tão reconhecido até o início do século XX, já em relação a Schopenhauer, a leitura pode ter sido em português. Além disso, uma influência forte para Augusto dos Anjos foi Charles Baudelaire¹⁰, onde “[...] as primeiras traduções [...] no Brasil são “Moesta et errabunda”, por Carlos Ferreira, e “O veneno”, por Luiz Delfino, ambas feitas em 1871” (BOTTMANN, 2017).

Ao abordar então os escritos de Augusto, deparamo-nos com grande número de citações, essas que o permeiam sempre, tanto advindo do período acadêmico, com textos lidos durante sua formação, quanto na forma de uma leitura corriqueira, ou seja, sem compromissos, a não ser com ele mesmo. Todas essas influências desembocaram na configuração da escrita augustiniana. Dessa maneira, ao nos referir a tantos poemas com carga pessimista, logo nos remetemos às filosofias de Schopenhauer e Nietzsche, que, de certa forma, se relacionam muito com a visão de mundo augustiniana.

Para tanto, Augusto pode ter se deparado com essas filosofias tanto na academia, quanto seguindo seus anseios, porém, como vimos anteriormente, as tra-

¹⁰ Charles Baudelaire (1821-1867) foi um poeta francês que influenciou toda a poesia moderna. Um de seus escritos mais conhecido é *Flores do Mal* (1857). Disponível em: https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=8

duções de Nietzsche só chegaram ao Brasil a partir 1936, o que não significa que o nosso autor não o tenha lido diretamente, até mesmo em português, porque, como nos mostra Márcia Abreu (2013, p. 32), era comum “[...] a prática da tradução de artigos de interesse para publicação em outros periódicos”, além de que

Era muito comum que as matérias fossem retiradas dos jornais, mesmo dos estrangeiros: notícias, folhetins, contos, ensaios e cartas circulavam em inúmeros jornais, numa “rede”, guardadas as devidas proporções, muito parecida com a que hoje vemos fazer circular muitos textos e notícias pela Internet (BARBOSA, 2007, p. 11).

Assim, vemos o periódico como um elemento importante no espaço de Augusto, já que maior parte de suas publicações se deram por meio de periódicos, notamos uma forte influência desse, pois ao mesmo tempo em que ocorria a publicação, acontecia também a leitura, e não somente ela por si só, neutra, porque, como vemos na maior parte das crônicas, o periódico servia como um espaço de debates sobre leituras, pontos de vista e coisas relacionadas, mostrando uma dimensão de Augusto dos Anjos muito omitida, de alguém que se impõe altivo perante as circunstâncias.

3 FILOSOFIA TRÁGICO-PESSIMISTA

Para tratar dessa concepção filosófica, trazemos à discussão apenas dois autores, sendo eles Schopenhauer e Nietzsche. Entretanto, a filosofia do trágico, segundo Szondi (2004), vinha sendo construída desde Schelling, em que esse “[...] é o primeiro de uma série de autores que vão dar à tragédia o seu caráter de filosofia a partir da qual a vida pode ser pensada, uma sabedoria que os modernos encontrarão na noção de trágico. Trata-se de uma visão de mundo, uma categoria que permite apresentar a situação do homem tratando de sua condição, de sua existência” (SZONDI, 2004 *apud* PEIXOTO, 2012, p. 51), num momento onde se busca a unificação de um Estado, de uma cultura, de uma identidade alemã, e os gregos se tornam referência para a construção desse ideal a partir das artes e literaturas.

A partir disso, a tragédia se configura, para Schelling¹¹, como uma contradição e combate de forças – a liberdade humana e o destino – que estão inalcançáveis pela ação do indivíduo, no entanto, estão constantemente envolvidos por estas. Contudo, essa distinção acontece por meio da arte e somente por meio dela, não se referindo à vida real, como afirma Peixoto (2012). Para tanto, encontramos aqui a utilização do herói pelo destino, ao qual esse padece, mas não se entrega, luta, mas não é o vencedor, de forma a caracterizar de maneira geral a trágica.

Schopenhauer também parte da análise poetológica para determinar seu pensamento acerca do trágico que é regido por alguns elementos fundamentais para a sua filosofia: o mundo, a ideia e o sofrimento. A partir desses tópicos, Schopenhauer delimita sua linha de raciocínio em que se deve existir uma relação entre o sujeito e o objeto por ser representação, por ser mundo, conduzido pela vontade que é autônoma. Dessa forma, a vontade é a essência da oposição, da relação entre o sujeito e objeto.

A ideia proposta por Schopenhauer nos remete ao poema acima citado (A Ideia), em que [...] pensa as ideias como formas imutáveis dos corpos naturais ou, ainda, como propriedades originais dos objetos particulares. Entretanto, elas não se confundem com a vontade” (PEIXOTO, 2012, p. 84), pois as ideias são representações que nos permitem a mudança.

Para tanto, a efêmera vida que o homem leva está carregada de dor e sofrimento, pois é a sua existência, os seus desejos que os tornam sôfrego, porque esses se fundam no querer. Mas existem, de certa maneira, alguns anestésicos para tais sofrimentos, um rápido sentimento de prazer que sempre retorna à dor. E aqui encontramos uma relação com a posição que Augusto dos Anjos toma em seus poemas. Vejamos o intitulado Ilusão, de 1905:

Ilusão

Dizes que sou feliz. Não mentes. Dizes
Tudo que sentes. A infelicidade
Parece às vezes com a felicidade
E os infelizes mostram ser felizes!

¹¹ Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775 – 1854) foi um filósofo alemão que recebeu muita influência de Kant, assim como vários outros filósofos do trágico.

Assim, em Tebas – a tumbal cidade,
A múmia de um herói do tempo de Ísis,
Ostenta ainda as mesmas cicatrizes
Que eternizaram sua heroicidade!
Quem vê o herói, inda com o braço altivo,
Diz que ele não morreu, diz que ele é vivo,
E, persuadido fica do que diz...

Bem como tu, que nessa crença infinda
Feliz me viste no Passado, e a inda
Te persuades de que sou feliz!

(ANJOS, 2015, p. 223)

Já na primeira estrofe, encontramos o tema principal do poema – a felicidade, que, como descrito, não passa de uma ilusão, pois essa é uma representação do sujeito, e nos mostra uma pluralidade de verdades e modificações, onde nada é estático. Traz também a imagem do herói, que, na tragédia, luta, mas não desiste, e se torna eterno, já se libertando do fardo que é ser humano, e que, por vezes, se torna aliviado com uma felicidade que é somente passageira. Além deste, vejamos *Eterna Mágoa*, de 1904.

Eterna mágoa

O homem por sobre quem caiu a praga
Da tristeza do Mundo, o homem que é triste
Para todos os séculos existe
E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois nada há que traga
Consolo à Mágoa, a que só ele assiste.
Quer resistir, e quanto mais resiste
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.

Sabe que sofre, mas o que não sabe
É que essa mágoa infinda assim, não cabe
Na sua vida, é que essa mágoa infinda.

Tranpõe a vida do seu corpo inerme;
E quando esse homem se transforma em verme
É essa mágoa que o acompanha ainda!

(ANJOS, 2015, p. 94)

Dessa forma, o sofrimento está sempre presente nos escritos augustinianos, assim como nos de Schopenhauer, ultrapassando o obstáculo do humano, pois a eternidade, como no caso do poema anterior, a recordação eterna do herói que lutou tragicamente estará entrelaçada também com a lembrança do sofrimento que passou.

Essa relação tão próxima que temos entre Augusto e Schopenhauer não é a mesma com Nietzsche. Pois, como vemos em um soneto dedicado ao próprio Nietzsche.

Soneto

A Frederico Nietzsche

Para que nesta vida o espírito esfalfaste
Em vãs meditações, homem meditabundo?!
- Escapelaste todo o cadáver do mundo
E, por fim, nada achaste... e, por fim, nada achaste!...

A loucura destruiu tudo que arquitetaste
E a Alemanha tremeu ao teu gemido!...
De que te serviu, pois, estudares, profundo,
O homem e a lesma e a rocha e a pedra e o carvalho e a haste?!

Pois, para penetrar o mistério das lousas,
Foi-te mister sondar a substância das cousas
- Construíste de ilusões um mundo diferente,

Desconheceste Deus no vidro do astrolábio
E quando a ciência vã te proclamava sábio
A tua construção quebrou-se de repente!

(ANJOS, 2015, p. 205)

De certa forma, o soneto dedicado à Nietzsche nos traz um sentimento de desprezo, ou talvez menos, um sentimento de descrença à filosofia escrita pelo filósofo, talvez pela grande diferença que encontramos entre Nietzsche e Schopenhauer, que seria a afirmação da vida em contraposição com o pessimismo.

Pois em Nietzsche, encontramos uma visão de mundo onde a vida deve ser vivida ao máximo, aceitando o trágico destino, mas não tendo, como em Schopenhauer, a finalidade da morte, ou melhor, a circunstância da morte como uma escapatória, mas viver com vontade, “[...] A alegria é trágica e move a afirmação da vida. O aniquilamento, por meio da dor e do sofrimento, acaba gerando, ao contrário do que se poderia esperar, mais vontade de vida. Devemos voltar nosso olhar, agora, à reconciliação entre o dionisíaco e o apolíneo [...]” (PEIXOTO, 2012, p. 107), um equilíbrio entre a desmedida e a medida. A morte também é um sofrimento, um fardo humano, mas a ideia de reviver todo o sofrimento de forma alegre, traz para Augusto uma relação de ilusão, com isso, a morte é mais desejável que a vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, não encontramos em Augusto dos Anjos empolgação com Nietzsche da mesma forma que com Schopenhauer, é consideravelmente menor, no entanto, não o negou de olhos fechados, encontramos alguns pontos que, mesmo rejeitando as ideias, não nega a elas a existência, buscou, ao menos em parte, saber e entender aquele ponto de vista.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. Conectados pela ficção: circulação e leitura de romances entre a Europa e o Brasil. *O eixo e a roda*, v. 22, n. 1, p. 15-39, 2013.

ABREU, M. (org). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura no Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

ANJOS, A. dos. **Eu e outras poesias**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

BARBOSA, S. de F. P. **Jornalismo e Literatura no Século XIX Paraibano: uma história**. 2007. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetins/estudos/Jornalismo_e_literatura_no_seculo_XIX_uma_historia.pdf. Acesso em: 12 jul. 2019.

BOTTMANN, D. **Baudelaire no Brasil: novas datações**. 2017. Disponível em: <https://naogostodeplagio.blogspot.com/2017/05/ baudelaire-no-brasil-novas-datacoes.html>. Acesso em: 12 jul. 2019.

BOTTMANN, D. **Goethe traduzido no Brasil I: primórdios e os faustos**. 2015a. Disponível em: <http://naogostodeplagio.blogspot.com/2015/08/goethe-traduzido-no-brasil-i-primordios.html>. Acesso em: 28 ago. 2019.

BOTTMANN, D. **Nietzsche traduzido no Brasil I**. 2011. Disponível em: <http://naogostodeplagio.blogspot.com/2011/11/nietzsche-traduzido-no-brasil-i.html>. Acesso em: 28 ago. 2019.

BOTTMANN, D. **Schopenhauer traduzido no Brasil (1887-1969)**. 2015b. Disponível em: <http://naogostodeplagio.blogspot.com/2015/06/schopenhauer-no-brasil-1887-1969.html>.

FONTES, H. Crônica Literária. *In*: BUENO, Alexei (org.). **Augusto dos Anjos: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. **Poesia e vida de Augusto dos Anjos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

PEIXOTO, F. G. **A tragédia e o trágico: contornos de Aristóteles a Nietzsche**. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

SILVA, M. B. N. da. História da leitura Luso-Brasileira: balanços e perspectivas. *In*: ABREU, M. (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado

de Letras: Associação de Leitura no Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

SOCHODOLAK, H.; ANTUNES, J. (org.). **História e tragicidade**. São Paulo: Scortecci, 2010.

VIDAL, A. **O outro eu de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1967.

Recebido em: 25/10/2018

Aceito em: 24/06/2019